

manuscritica

HUMANITAS

Manuscrita
Revista de Crítica Genética
São Paulo, Nº 19, 2010

Conselho Editorial

Almuth Grésillon
 Aparecido José Cirillo
 Cecília Almeida Salles
 Claudia Amigo Pino
 Eliane Vasconcellos
 Irène Fenoglio
 Júlio Castañon Guimarães
 Marcos Antonio de Moraes
 Marlene Gomes Mendes
 Sônia M. Van Dijk Lima
 Telê Ancona Lopez
 Philippe Willemart
 Raúl Antelo
 Roberto de Oliveira Brandão
 Roberto Zular
 Verónica Gallíndez Jorge
 Yédda Dias Lima

PROJETO GRÁFICO

Estúdio Bogari

DIAGRAMAÇÃO

Selma Consoli - Mtb 28.839

ILUSTRAÇÕES

(capa, sumário e fac-símile) *Deus e o Diabo na terra do Sol* (GLAUBER ROCHA)
 Cinemateca Brasileira

REVISÃO

Grace Alves da Paixão

REVISÃO DOS ABSTRACTS

Samira Murad

Manuscrita é uma publicação da
 Associação de Pesquisadores
 em Crítica Genética (APCG) e da
 Pós-Graduação em Estudos Linguísticos Literários
 e Tradutológicos em Francês
 Universidade de São Paulo
 Publicação realizada com o apoio da CAPES

Editoras deste número

Claudia Amigo Pino
 Josette Monzani
 Mônica Gama

**ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES
 EM CRÍTICA GENÉTICA**

Assinatura e Venda Avulsa
 e-mail: manuscrita@gmail.com

EDITORA HUMANITAS

Presidente

Francis Henrik Aubert

Vice-presidente

Mário Miguel González

Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

DIRETORA

Sandra Margarida Nitri

VICE-DIRETOR

Modesto Florenzano

ISSN 1415-4498

EDITORIAL

Quatro toneladas de documentação da Embrafilme. Um surpreendente *storyboard* de Glauber Rocha. Diários de atores, continuístas, diretores. Vozes do autor por todas partes. E Mickey Mouse. Esses são alguns componentes deste novo número da Manuscrita, integralmente dedicado a explorar as relações entre crítica genética e cinema. Desde a descrição dos arquivos cinematográficos no Brasil até o estudo da gênese de textos críticos sobre cinema, estas relações permitem vislumbrar uma nova área de pesquisa no Brasil.

O primeiro artigo, “Cinemateca brasileira: acervo e pesquisa”, de Luciana Correa de Araújo, é um convite para explorar os arquivos da Cinemateca Brasileira, o maior acervo de documentos relativos ao cinema do Brasil. Depois de apresentar o acervo fílmico nacional e estrangeiro, a autora se detém na descrição do material relativo ao processo de criação de cineastas, críticos e também das instituições implicadas na produção de filmes.

Os artigos seguintes mostram algumas possibilidades de leitura reveladas a partir de estudos dos processos de criação cinematográficos. Tratou-se aqui de pontuar caminhos de pesquisas que utilizam parcial ou completamente a crítica genética, ou ainda, análises nas quais os documentos eram poucos, mas passíveis de servirem ao estudo de processo criativo.

A primeira leitura genética neste dossiê é de autoria de Cecília Almeida Salles. Em “O diário de David Carradine”, a pesquisadora estabelece uma rede de relações entre o filme *Kill Bill*, de Quentin Tarantino, e o diário que um dos atores do filme escreveu durante a filmagem e publicou ainda em vida. Ainda sobre o trabalho do ator, o texto “O ator cocriador”, de Walmeri Ribeiro, explora o processo de preparação de atores em diversos

filmes brasileiros contemporâneos (como *Bicho de sete cabeças*, de Laís Bodanski, e *Tropa de Elite*, de José Padilha, entre outros), a partir de entrevistas aos diretores e aos preparadores de elenco. Na mesma linha, o artigo “O teatro do enclausuramento em *O ano passado em Marienbad*”, de Sônia Oliveira da Silva, não pretende estabelecer uma reconstituição de etapas de criação de Alain Resnais, mas sim uma relação entre a estética do diretor e peças de teatro com propostas afins, como *As três irmãs*, de Anton Tchecov. Para isso, a pesquisadora contou com um documento privado inédito: o diário da continuísta, com indicações do diretor para a equipe.

Há neste número dois artigos sobre documentários. No texto “Cinema ativista de Jorge Bodanzky – o imaginário profundo de *Terceiro Milênio*”, Mauro Luciano Souza de Araújo concentra-se no estudo do estilo de Jorge Bodanzky e Wolf Gauer, dois diretores engajados na realização de um cinema militante tanto por seu conteúdo, quanto pela forma como desenvolveram o trabalho com o uso de pequenas equipes e ausência de roteiro. O documentário nacional também é objeto do artigo “Imaginário e linguagens da morte – (Des)construção de *Um corpo subterrâneo*”, de Patrícia Costa Vaz, que analisa o documentário de Douglas Machado por meio de diversos tipos de documentos de processo: os roteiros de edição, o caderno de notas do diretor, as versões do filme, além de entrevistas dadas à estudiosa sobre seu processo de criação.

Paulo José Cunha, em “De *Fantasia* à ‘*Fantasia* de Walt Disney’”, mostra-nos a atenção dada por Mário de Andrade ao desenho animado *Fantasia*, num artigo com análise baseada em documentação (fichas de leitura) sobre a relação entre música e cinema, que se encontra no Instituto de Estudos Brasileiros.

Nas seções complementares, a revista traz uma resenha da publicação mais recente de Cecília Almeida Salles, *Arquivos da criação: arte e curadoria*; e uma tradução de dois textos de Pasolini publicados originalmente na revista *Vie Nuove*, que abordam a composição de suas personagens.

Não poderíamos deixar de nos referir à seção fac-símile, na qual Josette Monzani, nos mostra que, além da câmara, Glauber Rocha tinha muitas anotações e desenhos na mão. Um simples olhar sobre frente e verso de um roteiro nos faz rever os mitos relativos à obra do cineasta, apontando para a necessidade de explorar ainda mais as surpresas que os arquivos do cinema podem guardar.

CLAUDIA AMIGO PINO
JOSETTE MONZANI
MÔNICA GAMA
Editoras

Editorial